

Futuro presidente deve agir rápido no combate à inflação

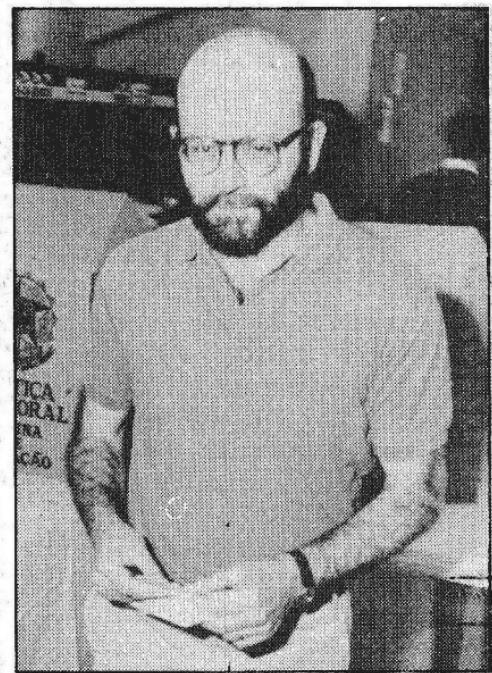
Seja quem for o eleito à Presidência da República, a prioridade número um deverá ser o combate à inflação, segundo os economistas José Serra, que é deputado federal pelo PSDB, e João Sayad, ex-ministro do Planejamento. A ação do governo, segundo os economistas, terá de ser rápida e articulada politicamente com a sociedade e o Congresso Nacional. Sayad acha que o futuro presidente não deve criar falsas expectativas com medidas de choque, enquanto Serra defende medidas na área fiscal, controle de preços e salários, sem congelamento.

O fundamental, segundo os economistas, é a credibilidade que deverá surgir das urnas, para que o futuro presidente possa tomar medidas duras. Essas medidas não precisarão ser recessivas, obrigatoriamente, segundo Serra. Para isso, é fundamental que haja um grande acordo nacional, costurado pelo próprio presidente da República, semelhante ao que ocorreu no México.

O economista Yoshiaki Nakano, ex-assessor do Ministério da Fazenda, também defende um acordo nacional, mas acha que ele terá de ser acertado antes mesmo da posse do novo governo, para se evitar um desequilíbrio maior da economia nos próximos meses. Na sua opinião, a expectativa em torno das medidas que poderiam ser propostas pelo novo presidente pode criar uma instabilidade tão grande a ponto de levar o País a uma hiperinflação, como ocorreu na Argentina.

Por essa razão, além do acordo entre o governo, o Congresso, empresários e o mercado financeiro, ele também julga fundamental que o presidente eleito mostre o mais rápido possível que tem uma equipe e um programa econômico definido.

O economista Gilberto Dupas, ex-secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, acha que o Brasil não precisa passar pela experiência de uma hiperinflação desnecessária,



Sayad, preocupado com choques.

como foi a da Argentina, que surgiu em cima das expectativas em relação ao que Menem poderia fazer e acabou após sua posse. Uma hiperinflação, comentou, mesmo que dure pouco tempo sempre deixa grandes estragos. Portanto, assim como Nakano, ele também acredita que esse quadro de instabilidade poderá ser evitado se o presidente eleito mostrar um programa coerente e um mínimo de pulso.

Adroaldo Moura da Silva, professor da Faculdade de Economia e Administração da USP, ex-dirigente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), salienta que os dois candidatos que passarem para o segundo turno já terão de fazer uma série de entendimentos, para ter condições de se elegerem. E é a partir desses entendimentos que o presidente escolhido terá força política de propor medidas radicais na área econômica. Ele não descarta a possibilidade de uma antecipação da posse, caso haja um desequilíbrio maior da economia nos próximos meses. Se isso ocorrer, a composição política em torno do programa econômico do novo governo será bem mais fácil. O medo da hiperinflação, prevê o economista, facilitará o entendimento.